



CASA DE PRAIA COM PISCINA

HERMAN KOCH

AUTOR DE O JANTAR

CASA DE PRAIA COM PISCINA

HERMAN KOCH
CASA
DE PRAIA
COM
PISCINA

Tradução de Alexandre Martins



Copyright © 2011 by Herman Koch

Publicado originalmente por Ambo/Anthos Uitgevers, Amsterdã

TÍTULO ORIGINAL EM HOLANDÊS
Zomerhuis met Zwembad

Traduzido da edição inglesa publicado por Atlantic Books em
2014 com o título *Summer House with Swimming Pool*.

PREPARAÇÃO
Luiz Felipe Fonseca

REVISÃO
Ulisses Teixeira
Taís Monteiro

DIAGRAMAÇÃO
editoriarte

DESIGN DE CAPA
Rafael Coutinho
Vanessa Lima

ILUSTRAÇÃO
Rafael Coutinho

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

K81c

Koch, Herman
Casa de praia com piscina / Herman Koch ; tradução
Alexandre Martins. – 1. ed. – Rio de Janeiro : Intrínseca, 2015.

336 p. ; 23 cm.
Tradução de: Summer house with swimming pool
ISBN 978-85-8057-764-8

1. Romance holandês. I. Martins, Alexandre. II. Título.

15-22554

CDD: 839.313
CDU: 821.112.5-3

[2015]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA INTRÍNSECA LTDA.
Rua Marquês de São Vicente, 99/3º andar
22451-041 – Gávea
Rio de Janeiro – RJ
Tel./Fax: (21) 3206-7400
www.intrinseca.com.br

1

Eu sou médico. Meu horário de trabalho é das oito e meia da manhã até a uma da tarde. Faço bom uso desse tempo. Vinte minutos para cada paciente. Esses vinte minutos são meu diferencial. Hoje em dia, as pessoas costumam dizer, onde mais você encontra um clínico geral que lhe dedique vinte minutos? E repassam essa informação. Ele não pega muitos pacientes, dizem. Dedicar tempo a cada caso. Tenho uma lista de espera. Quando um paciente morre ou se muda, só preciso pegar o telefone e já tenho cinco pessoas novas querendo a vaga.

Os pacientes não sabem a diferença entre tempo e atenção. Achem que dou a eles mais atenção que outros médicos. Mas dou apenas mais tempo. Ao final dos primeiros sessenta segundos, já descobri tudo o que preciso saber. Os dezenove minutos seguintes, preencho com atenção. Ou, melhor dizendo, com a ilusão de atenção. Faço as perguntas de sempre. Como vai seu filho/sua filha? Você está dormindo melhor? Tem certeza de que não está comendo pouco/muito? Encosto o estetoscópio no peito deles, depois nas costas. Respire fundo, digo. Agora expire lenta e calmamente. Eu, na verdade, não escuto. Ou pelo menos tento não escutar. Por dentro, todos os corpos humanos soam da mesma forma. Antes de tudo, claro, há os batimentos cardíacos. O coração é cego. O coração bombeia. O coração é a casa de máquinas. A casa de máquinas simplesmente mantém o navio em movimento; não dá a direção. E há os sons dos intestinos. Dos órgãos vitais. Um fígado sobrecarregado soa diferente de um saudável. Um fígado sobrecarregado grunhe. Grunhe e suplica. Suplica por um dia de folga. Um dia para lidar com a pior parte da sujeira. Do jeito como está, ele vive no atraso, correndo atrás do prejuízo. O fígado sobrecarregado é como a cozinha de um restaurante aberto vinte

e quatro horas por dia. A louça forma pilhas. As máquinas de lavar louça funcionam a pleno vapor. Mas as pilhas de pratos sujos e panelas engorçadas só aumentam. O fígado sobrecarregado aguarda ansiosamente por aquele dia de folga que não chega nunca. Toda tarde, às quatro e meia, cinco horas (às vezes mais cedo), a esperança daquele dia de folga é esmagada novamente. Se o fígado tiver sorte, no começo é apenas cerveja. A cerveja transfere a maior parte do trabalho para os rins. Mas sempre há aqueles para os quais só cerveja não basta. Pedem algo para acompanhar: uma dose de gim, vodca ou uísque. Algo para dar um trago. O fígado sobrecarregado resiste, depois, finalmente, desaba. Primeiro fica rígido como um pneu cheio demais. Então, basta apenas um pequeno buraco na estrada para que ele estoure.

Escuto com meu estetoscópio. Pressiono o ponto endurecido, logo abaixo da pele. Isso dói? Se apertar com mais força, vai romper bem ali, no meu consultório. Não posso deixar que isso aconteça. Causa uma confusão inacreditável. O sangue brota em um enorme jato. Nenhum clínico geral gosta da ideia de alguém morrendo em seu consultório. Quando o paciente morre em casa é outra história. Na privacidade de seu lar, no meio da noite, em sua própria cama. Com uma ruptura hepática, eles dificilmente conseguem alcançar o telefone. De qualquer modo, a ambulância chegaria tarde demais.

Meus pacientes chegam ao meu consultório em intervalos de vinte minutos. O consultório fica no térreo. Eles vêm de muletas ou em cadeiras de rodas. Alguns são gordos demais, outros sentem falta de ar. De qualquer modo, já não conseguem subir escadas. Um lance de escadas certamente os mataria. Outros só acreditam que os mataria: que a hora derradeira começaria no primeiro degrau. A maioria dos pacientes é assim. A maioria não tem problema algum. Eles gemem e grunhem, fazem barulhos que o levariam a pensar que encaram a face da morte a cada momento do dia, afundam na cadeira à minha frente com um suspiro — mas não há nada de errado com eles. Deixo que recitem suas queixas. Dói aqui e aqui, e às vezes tenho espasmos ali... Eu me esforço para fingir interesse. Enquanto isso, rabisco em um papel. Peço que se

levantem, que me acompanhem à sala de exames. Eventualmente peço que alguém se dispa atrás do biombo, mas, na maioria das vezes, não. Corpos já são horríveis mesmo vestidos. Não quero olhar para aquelas partes que nunca tomam sol, as dobras de gordura onde é sempre quente demais e as bactérias reinam, os fungos e as infecções entre os dedos dos pés, sob as unhas, os dedos que coçam aquilo ali, que esfregam até começar a sangrar... Aqui, doutor, é aqui onde coça demais... Não, não quero ver. Finjo olhar, mas estou pensando em outra coisa. Em uma montanha-russa em um parque de diversões, o carro da frente tem uma cabeça verde de dragão instalada; as pessoas erguem as mãos no ar e berram a plenos pulmões. Pelo canto do olho, vejo tufo úmido de pelos púbicos, ou pontos vermelhos infeccionados onde nunca mais crescerão pelos, e penso em um avião explodindo no ar, os passageiros ainda afivelados às suas poltronas enquanto começam uma queda para a eternidade; está frio, o ar é rarefeito, bem abaixo aguarda o oceano. Arde quando eu urino, doutor. Como se fossem agulhas... Um trem explode pouco antes de entrar na estação, o ônibus espacial *Columbia* se desfaz em milhões de pedacinhos, o segundo avião arremete contra a Torre Sul. Arde aqui, doutor. Aqui...

Já pode se vestir, digo. Já vi o bastante. Vou receitar um remedinho. Alguns dos pacientes mal conseguem disfarçar a decepção: um remedinho? Ficam ali alguns segundos, com o olhar perdido, a roupa íntima arriada na altura dos joelhos. Eles faltaram ao trabalho naquela manhã e agora querem ter seu dinheiro valorizado, mesmo que esse dinheiro tenha saído dos bolsos de contribuintes saudáveis. Querem que o médico pelo menos toque neles, querem que calce as luvas de látex e segure algo, alguma parte do corpo, entre seus dedos sábios. Que pelo menos *um* dedo os cutuque. Querem ser *examinados*; não se contentam apenas com os anos de experiência, o olhar clínico que, em um único relance, registra o que há de errado com uma pessoa. Porque ele já passou por isso umas cem mil vezes. Porque a experiência lhe diz que na centésima milésima primeira consulta não surgiu a súbita necessidade de calçar as luvas de látex.

Algumas vezes, porém, não há como evitar. Algumas vezes, você tem de encarar o desafio. Normalmente com um ou dois dedos, às vezes com a mão inteira. Calço minhas luvas de látex. Por favor, deite-se de lado... Para o paciente, essa é a hora da verdade. Ele finalmente está sendo levado a sério, está prestes a receber um exame interno, mas seu olhar não está mais fixado em meu rosto. Ele agora só consegue olhar para minhas mãos. Minhas mãos calçando as luvas de látex. Ele se pergunta por que sempre deixa que as coisas cheguem a esse ponto. Se isto é realmente o que quer. Antes de calçar as luvas, eu lavo as mãos. A pia está localizada em frente ao leito de exame, então fico de costas para ele enquanto ensabo. Demoro. Enrolo as mangas. Posso sentir os olhos do paciente nas minhas costas. Deixo a água da torneira cair sobre meus pulsos. Primeiro lavo cuidadosamente as mãos, depois os antebraços, até a altura dos cotovelos. O som da água correndo bloqueia todos os outros sons, mas sei que, assim que chego aos cotovelos, a respiração do paciente está acelerada. Ela acelera por alguns segundos, ou é totalmente interrompida. Um exame interno está prestes a acontecer, o paciente — consciente ou inconscientemente — insistiu nisso. Ele não se deixaria dissuadir apenas com um remedinho, não dessa vez. Mas nesse ínterim surgem as dúvidas. Por que o médico está lavando e desinfetando as mãos e os antebraços *até os cotovelos*? Algo no corpo do paciente se contrai. Embora ele devesse relaxar o máximo possível. O relaxamento é o segredo de um exame interno suave.

Enquanto isso, me viro e seco as mãos, os antebraços, *os cotovelos*. Ainda sem olhar para o paciente, pego em uma gaveta um par de luvas. Rasgo a embalagem, aperto o pedal da lata de lixo com o pé e jogo o plástico fora. Apenas então, enquanto calço as luvas, olho para o paciente. A expressão em seus olhos é — como eu poderia definir? — *diferente* da que era antes de eu começar a lavar as mãos. Deite-se de lado, digo, antes que ele tenha a chance de enunciar seus temores. Olhando para a parede. Um corpo nu é menos vergonhoso do que um corpo com calças e roupa íntima arriada até os tornozelos. Menos desamparado. Duas pernas, com sapatos e meias calçados, presas nos tornozelos por calças e

roupa de baixo. Como um prisioneiro acorrentado pelos pés. Uma pessoa com as calças nos tornozelos não consegue sair correndo. Você pode submeter alguém nessas condições a um exame interno, mas também poderia socá-lo na lateral da cabeça. Ou pegar uma pistola e descarregar o pente no teto. Eu já escutei essas mentiras de merda por tempo suficiente! Vou contar até três... Um... Dois... Tente relaxar, digo novamente. Vire-se de lado. Puxo as luvas de látex para que fiquem bem esticadas sobre os dedos e sobre os pulsos. O som de látex estalando sempre me faz pensar em balões de festa. Balões de festa de aniversário que você enche na noite anterior para surpreender o aniversariante. Isso pode ser um pouco desagradável, digo. O importante é continuar respirando calmamente. O paciente está consciente demais de minha presença, bem atrás de seu corpo seminu, mas já não pode me ver. Só nesse momento submeto aquele corpo, ou pelo menos a parte desnuda dele, a um exame mais demorado.

Até o momento, estou supondo que o paciente é um homem. No exemplo com o qual estamos lidando, um homem está deitado no leito, com calças e roupas de baixo arriadas. Mulheres são outra história; falarei sobre elas depois. O homem em questão vira a cabeça na minha direção, mas, como já mencionei, ele já não pode me ver direito. Só relaxe, digo. Você só precisa relaxar. Sem que o paciente perceba, desvio meu olhar para sua lombar nua. Já disse a ele que o que se seguirá poderá ser um pouco desagradável. Entre essa observação e a sensação desagradável em si, não há nada. Esse é um momento vazio. O momento mais vazio de todo o exame. Os segundos passam silenciosamente, como um metrônomo com o som desligado. Um metrônomo sobre o piano em um filme mudo. Ainda não houve qualquer contato físico. As costas nuas trazem a marca da roupa de baixo. Tiras vermelhas deixadas na pele pelo elástico. Algumas vezes há espinhas ou verrugas. A pele com frequência é pálida demais; um daqueles lugares que raramente vê a luz do sol. Contudo, quase sempre há pelos. Ao longo das costas, em direção à base, os pelos apenas aumentam. Eu sou canhoto. Coloco a mão direita no ombro do paciente. Através da luva, sinto o corpo dele

enrijecer. O corpo inteiro tensiona e contrai. Ele deveria relaxar, mas o instinto é mais forte; o paciente se põe de prontidão, se prepara para resistir à invasão externa.

Nesse momento, minha mão esquerda já está onde deveria. A boca do paciente se abre, os lábios se separam, um suspiro escapa à medida que meu dedo médio adentra. Algo entre um suspiro e um grunhido. Relaxe, digo. Vai acabar em um instante. Tento não pensar em nada, mas é sempre difícil. Então penso na noite em que deixei cair a chave do cadeado de minha bicicleta na lama, no meio de um campo de futebol. Era um atoleiro de um metro quadrado, e eu tinha certeza de que minha chave estava lá. Sente alguma dor? Agora meu indicador se junta ao dedo médio; usando ambos será mais fácil encontrar a chave. Um pouco... Onde? Aqui? Ou aqui? Estava chovendo, havia alguns holofotes ao redor do campo, mas, ainda assim, estava escuro demais. Quase sempre é a próstata. Câncer, ou só um alargamento. Normalmente não há como determinar nada ao certo depois do primeiro exame. Eu poderia voltar para casa andando e retornar no dia seguinte, quando houvesse luz. Mas meus dedos já estavam lá dentro, a lama já estava se metendo sob minhas unhas, então parar não fazia muito sentido. Ai! Ai, doutor! Puta merda! Desculpe... Ah, que merda! E sobrevém aquele curto momento em que meus dedos sentem algo duro em meio à gosma. Cuidado, pode ser apenas um caco de vidro... Eu o ergo à luz, à luz fraca do poste ao lado do campo, mas na verdade já sei o que é. Ele brilha, ele reluz, e não terei de caminhar para casa, afinal. Sem olhar para as mãos, tiro as luvas, piso no pedal da lata de lixo e as joga fora. Pode se sentar agora. Pode se vestir. É cedo demais para tirar conclusões, digo.

Foi há dezoito meses que Ralph Meier apareceu de repente em minha sala de espera. Eu o reconheci de imediato, claro. Será que poderia conversar comigo por um minuto? Não era nada urgente, disse. Em meu consultório, ele foi direto ao ponto. Se era verdade o que fulano havia lhe dito, que eu era bastante liberal com receitas para... E então ele olhou ao redor com certo nervosismo, como se o lugar pudesse estar grampeado. “Fulano” era um paciente regular meu. A longo prazo, eles contam

tudo uns aos outros, motivo pelo qual Ralph Meier viera parar em meu consultório. Depende, respondi. Terei de lhe fazer perguntas sobre sua saúde em geral, para que não tenhamos surpresas desagradáveis mais adiante. Mas e se fizermos isso?, ele insistiu. Se tudo estiver bem, você faria... Eu fiz que sim. Sim, disse. Isso pode ser acertado.

Já se passaram dezoito meses, e Ralph Meier está morto. E amanhã de manhã precisarei comparecer diante do Conselho de Medicina. Não pela ajuda que prestei a ele na época, mas por algo além, cerca de seis meses depois, algo que você poderia descrever como um “erro médico”. Não estou preocupado com o Conselho de Medicina; na área médica, todos conhecemos uns aos outros. Com frequência, encontramos colegas de faculdade. Não é como nos Estados Unidos, onde um advogado pode arruinar um médico depois de um diagnóstico equivocado. Aqui na Holanda, você precisa ter realmente ultrapassado os limites. E mesmo assim... Uma advertência, alguns meses de suspensão, não mais que isso.

Preciso apenas garantir que os membros do conselho enxerguem o caso como um erro médico. Vou precisar manter a calma. Tenho que continuar acreditando, cem por cento, no erro médico.

O funeral foi há dois dias. Naquele cemitério bonito e rústico em uma curva do rio. Grandes árvores antigas, o vento soprando por entre os galhos, agitando as folhas. Pássaros cantavam. Eu fiquei o mais afastado possível, o que pareceu suficientemente prudente, mas nada teria me preparado para o que aconteceu em seguida.

— Como se atreve a dar as caras aqui?

Um breve momento de silêncio absoluto, como se até mesmo o vento de repente parasse de soprar. Os pássaros também ficaram calados, de um instante para o outro.

— Seu merda! Como se atreve? Como *se atreve*?

Judith Meier tinha a voz de uma cantora de ópera profissional, uma voz capaz de chegar à plateia na última fila de um teatro. Todos os olhos se viraram na minha direção. Ela estava de pé ao lado da porta aberta da carroceria do carro fúnebre, de onde os carregadores haviam acabado de

retirar o caixão contendo o corpo do marido dela para carregá-lo sobre os ombros.

Em seguida, ela trotava na minha direção, abrindo caminho por entre centenas de enlutados, que se colocavam de lado para dar passagem. Pelos trinta segundos seguintes, seus saltos altos na calçada de cascalho foram o único som em um silêncio imperturbável.

Ela parou bem na minha frente. Eu já esperava que me desse um tapa. Ou começasse a socar minhas lapelas. Em outras palavras, que fizesse uma cena, algo em que sempre fora boa.

Mas ela não fez isso.

Olhou para mim. Os brancos dos olhos rendados de vermelho.

— Seu merda — disse novamente, muito mais baixo.

E então cuspiu no meu rosto.

Marc Schlosser, médico de Amsterdã, costuma atender os ricos e famosos. Ao ser convidado por um dos seus pacientes, o ator Ralph Meier, para passarem as férias juntos na casa de praia da família, Marc não vê saída a não ser aceitar, mesmo contrariando a esposa, que não suporta a postura arrogante e sedutora do astro. Mas assim que o bronzeado do verão some, Ralph está morto. O conselho médico acusa Marc de negligência, a esposa do ator o acusa de assassinato.

Levando a uma intrincada encruzilhada ética, *Casa de praia com piscina* é um *thriller* psicológico que prende o leitor até a última página e o faz perceber que ninguém é totalmente inocente, nem mesmo os que parecem mais frágeis e inofensivos.

ISBN 978-85-8057-764-8



www.intrinseca.com.br